

A ENFERMAGEM E A RESILIÊNCIA EM UM GRUPO DE ADOLESCENTES PORTADORES DE LEUCEMIA OU LINFOMA

Denise de Assis Corrêa Sória¹

Ana Carolina da Silva Pereira

Ailse Souza Rodrigues

Fernanda Monteiro Garcia

Sônia Regina de Souza

No dia-a-dia algumas pessoas lidam, adaptam, mostram superação e constroem caminhos positivos diante de circunstâncias de vida difíceis, enquanto outras apresentam esse potencial menos desenvolvido e sucumbem mais facilmente frente aos obstáculos. O que acontece e por que alguns e não todos são mais facilmente afetados pelas adversidades que os acometem? Este é o desafio que se coloca quando se quer compreender a resiliência. Resiliência é um termo relativamente novo na área da saúde. Historicamente, surge associado aos estudos da Física e da Engenharia, referindo-se à capacidade que um material tem de absorver energia sem sofrer deformações permanentes¹. A noção de resiliência segue paralelamente ao movimento contemporâneo pela promoção da saúde da criança e do adolescente que desvia a atenção dos pontos deficientes das estratégias compensatórias. Ao contrário, valoriza os pontos fortes e os meios de reforça-los. Tal perspectiva modifica esperançosamente a forma de olhar a adolescência, jogando para o passado o determinismo das experiências infantis malsucedidas, iluminando novos caminhos de flexibilidade e resiliência.² Na área da oncologia a resiliência é um tema relevante, pois o câncer, qualquer que seja sua etiologia, é reconhecido como uma doença crônico-degenerativa que atinge milhões de pessoas no mundo, independente de classe social, cultura ou religião.³ O adolecer com câncer provoca muitas outras alterações na vida do jovem e de suas famílias, exigindo readaptações frente à nova situação e estratégias para o enfrentamento. A experiência vivida por adolescentes com câncer é sempre difícil, independente da idade do paciente, a natureza da doença ou o resultado do tratamento. O diagnóstico de câncer, socialmente, está associado a uma estreita relação com a morte, tornando-se uma patologia de grande interesse devido aos fatores psicológicos alterados e a reestruturação familiar em torno da doença.⁴ A adoção de estratégias intervencionistas na gestão dos enfermeiros, com vistas à minimização dos fatores de risco e otimização dos fatores de proteção, promovendo o acolhimento e a escuta dos adolescentes com Leucemias ou Linfomas poderá contribuir para a promoção da resiliência desses adolescentes e consequentes melhorias na qualidade da atenção em oncologia. Diante da problemática descrita se tem como objeto de estudo a expressão da resiliência em um grupo de adolescentes portadores de leucemia ou linfoma. O estudo tem como **objetivos**: 1) Mapear a presença de resiliência em um grupo de adolescentes portadores de leucemia ou linfoma; 2) Identificar os fatores de risco e os de proteção da resiliência expressos em um grupo de adolescentes portadores de leucemia ou linfoma; 3) Discutir a expressão da resiliência em um grupo de adolescentes portadores de leucemias ou linfomas. **METODOLOGIA**: Trata-se de um estudo do tipo qualitativo descritivo. O estudo foi desenvolvido no ambulatório de quimioterapia e enfermaria de internação de adolescentes do Instituto Estadual de Hematologia Arthur de Siqueira Cavalcanti–HEMORIO. Os sujeitos do estudo foram adolescentes com diagnóstico médico de leucemia ou linfoma. Para este estudo foram considerados adolescentes aqueles com idade cronológica entre 14 e 19 anos (OMS). A coleta de dados foi realizada a partir da aplicação da escala de resiliência de Wagnild (1993) validada por Pesce (2005) e um roteiro de entrevista composto por duas etapas, a primeira referente à identificação pessoal dos sujeitos e a segunda composta por uma entrevista estruturada com questões abertas, gravadas em smartphone e transcritas posteriormente.⁵ A coleta de dados visou aprofundar-se nos fatores de risco e proteção desses

adolescentes com diagnóstico médico de leucemia ou linfoma. Para a análise dos dados foi feita a tabulação dos scores da escala de resiliência e análise temática das informações coletadas. O referido estudo foi aprovado pelo comitê de ética da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (06647012.70000528). **RESULTADOS:** Os dados foram coletados e analisados parcialmente no período compreendido entre 24 de janeiro de 2013 e 30 de janeiro de 2013. Foram entrevistados cinco (5) Adolescentes, sendo todos eles portadores de leucemia. Foi aplicada a escala de resiliência com a totalidade dos sujeitos envolvidos no estudo. Após a aplicação do instrumento, calculamos o somatório da pontuação de cada sujeito, totalizando o escore. Consideraram-se os escores menores que 125 resiliência baixa, de, de 125 a 145 resiliência moderada e maiores que 145 resiliência alta. O estudo mostrou que a quantidade de sujeitos com resiliência alta (2) e moderada (2) encontram-se iguais (40%). Enquanto 20% (1) apresenta resiliência baixa. Correlacionando este resultado com a tabela de identificação de sujeitos, pode-se perceber que o sujeito que apresenta resiliência baixa é o mesmo que apresenta o maior período de tratamento (4 anos). Os fatores de risco mais citados nos discursos dos sujeitos do estudo foram as reações a quimioterapia e a internação, sendo citados em 40% dos discursos. Com relação aos fatores de proteção destacou-se o apoio da família e a fé em Deus. **CONCLUSÃO:** Através deste estudo se pode perceber que 60% dos adolescentes apresentam níveis de resiliência moderada a baixa, ou seja, necessitam de intervenções para que se possa alcançar a resiliência alta. Porém mesmo os que apresentam resiliência alta ainda assim possuem alguns fatores de risco expressivos. Constatamos que os adolescentes vivenciam situações que fogem ao seu controle, situações estas que são consequências da morbidade pelo qual eles estão acometidos. Porém há medidas protetoras que podem ser aplicadas nesses casos para que se busque aperfeiçoar os fatores de proteção e minimizar os fatores de risco. Visto que a resiliência pode ser promovida e reforçada, sugere-se que a enfermagem, ciente do conceito de resiliência possa identificar fatores de resiliência na clientela assistida, de modo a colaborar na adesão ao plano de cuidados de Enfermagem, favorecendo o enfrentamento da situação adversa do adoecimento. O estudo sugere que sejam realizadas novas pesquisas acerca desta temática visto que existe uma escassez de produção científica dentro deste tema, principalmente relacionando-o com a Enfermagem. A pesquisa contribui de forma relevante para a identificação da realidade de um grupo de adolescentes portadores de leucemia ou linfoma com o impacto em que essa abordagem possa vir a alterar uma série de fatores resilientes pertinentes a esse grupo, e dessa forma, identificando esses fatores, há a possibilidade de promover a resiliência naqueles que estão no seu processo de adolecer, bem como sobre a forma na qual lidam com as adversidades no ambiente, com sua família e com a própria existência de modo mais saudável e construtivo. **REFERÊNCIAS:** 1-Sória, Denise de Assis Corrêa. “A Resiliência dos Profissionais de Enfermagem na Unidade de Terapia Intensiva”. Tese (Doutorado em Enfermagem) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Escola de Enfermagem Anna Nery, 2006. 2-Assis SG, Pesce RP, Avanci JQ. Resiliência: Enfatizando a proteção dos adolescentes. Porto Alegre: Artmed, 2006. 3-Camargo TC. O ex-sistir feminino enfrentando a quimioterapia para o câncer de mama: um estudo de enfermagem na ótica de Martin Heidegger [Tese]. Rio de Janeiro(RJ): Universidade Federal do Rio de Janeiro; 2000. 4-Ministério da Saúde (BR). Instituto Nacional de Câncer. Diagnóstico precoce do câncer na criança e no adolescente. Instituto Nacional de Câncer, Instituto Ronald McDonald. – Rio de Janeiro: INCA, 2009. 114p. 5- WAGNILD, G.M.; YOUNG, H.M.. Development and psychometric evaluation of resilience scale. J Nurs Meas, 1993; 1:165-78.
PALAVRAS CHAVES: Resiliência; Enfermagem; Câncer
Área Temática: Saúde e Qualidade de Vida

ⁱ Professora Associada da escola de Enfermagem Alfredo Pinto da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro. Doutora em Enfermagem pela UFRJ. Pesquisadora do laboratório de Pesquisas em resiliência e Enfermagem. Membro da Sociedade Brasileira de Resiliência-SOBRARE.